

NARRATIVA COMO MEDIAÇÃO FUNDAMENTAL DA EXPERIÊNCIA DOS ACONTECIMENTOS: A *MISE EN INTRIGUE* MIDIÁTICA

NARRATIVE AS A FUNDAMENTAL MEDIATION OF EVENT'S EXPERIENCE: THE *MISE EN INTRIGUE* OF MEDIA

Carlos Alberto de Carvalho¹

Leandro Lage²

RESUMO

O conceito de acontecimento tem ocupado cada vez mais lugar central em estudos comunicacionais de diversos enfoques. Daí a necessidade de se reconhecer a importância das formas de narrá-lo para que ele seja compreendido e faça compreender. Neste artigo, partimos das potencialidades teóricas e metodológicas do conceito de acontecimento desde as visadas pragmatista e hermenêutica para indicar alguns dos modos como o acontecimento, na atualidade, está sujeito às afecções vindas do seu apanhar pelas mídias. As mediações narrativas implicadas no vir à luz do acontecimento e nas disputas dos sentidos aí operadas constituem um dos pontos de partida de nossas reflexões, que culminam numa problematização do trabalho narrativo de configuração dos acontecimentos operado pelas mídias. A conciliação das duas perspectivas se revela caminho profícuo para uma análise mais atenta das formas de compreensão da experiência dos acontecimentos através das mediações narrativas.

PALAVRAS-CHAVE

Acontecimento. Narrativa. Mídia.

ABSTRACT

The concept of event has been central for several communicational studies. Hence the necessity to recognize the importance of narrative event forms, so that it is comprehended and provides comprehension. This article draws on theoretical and methodological poten-

1 Professor do Departamento de Comunicação Social da UFMG, na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, onde desenvolve pesquisa sobre jornalismo, Aids e Homofobia, com financiamento da Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais. BRASIL. E-mail: caco5@uol.com.br.

2 Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG, com especialização em Comunicação: Imagens e Culturas Midiáticas pela mesma instituição. Pesquisador do Núcleo de Estudos Traumas Comunicacionais. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. BRASIL. E-mail: leandrorage@gmail.com.

tialities of event concept through pragmatistic and hermeneutic approaches to indicate some ways that event, nowadays, is susceptible to media affections. Narrative mediations entangled in the process of publicizing the event and in the battles of senses are the starting-point of our reflection, which culminates in a discussion on the configuration of events operated by the media. The conciliation of the pragmatistic and hermeneutic perspectives manifests itself fruitful to more detailed examinations of ways of understanding the experience of events through narrative mediation.

KEYWORDS

Event. Narrative. Media.

1. INTRODUÇÃO

Quais são as possibilidades de exploração da perspectiva pragmatista de G. H. Mead (citado por QUÉRÉ, 2005), segundo a qual o acontecimento é o que se torna? Ou tratar-se-ia de uma obviedade, afinal, aplicável a todas as realidades sujeitas ao próprio devir? Se estamos diante do desafio de indicar as potencialidades heurísticas do conceito de acontecimento, a primeira providência é não tratar a máxima pragmatista como obviedade, mas sim inseri-la na perspectiva mais ampla dessa corrente filosófica, que advoga a ação como um dos elementos fundamentais para compreensão do mundo e das relações humanas em sua constante dinâmica.

Outra indagação nos é cara no percurso que iniciamos: como a perspectiva hermenêutica do acontecimento, particularmente aquela desenvolvida por Paul Ricoeur, pode clarear as alterações sofridas pelo acontecimento ao longo de um curso histórico? De saída, estamos diante da necessidade de reconhecimento de como as formas de narrar o acontecimento são fundamentais para a possibilidade de que ele venha a ser compreendido e faça compreender. Neste artigo, tomamos como ponto de partida que as perspectivas pragmatista e hermenêutica não se excluem como correntes teóricas e metodológicas, mas, antes, são compatíveis e profícuas rumo ao entendimento das potencialidades heurísticas que o acontecimento nos apresenta não somente para o entendimento de investimentos historiográficos e sociológicos, como também para clarear os modos como as mídias afetam e são afetadas pelos acontecimentos.

Como já sugerido, o acontecimento se tornou objeto de estudo de grande relevância para diferentes disciplinas e áreas de conhecimento. Frequentemente explorado pela historiografia, o conceito vem ganhando abordagens específicas na sociologia, na filosofia, na linguística e em campos mais recentes, como o da comunicação. Com isso, surgem contornos e aplicações. E antigas abordagens recebem novas leituras para que os acontecimentos sejam compreendidos à luz do que já se discutiu sobre o conceito.

No âmbito dos estudos sobre o acontecimento, pode-se dizer que P. Ricoeur ainda não recebeu a devida importância pelas contribuições indiretas a uma teoria do acontecimento. Sim, indiretas porque em poucos trabalhos do filósofo francês o conceito ocupou o lugar central (RICOEUR, 1991b, 1992). Na maioria deles, o acontecimento foi usado como “pedra de toque” para que o autor conduzisse sua linha argumentativa em direção às mediações narrativas (RICOEUR, 2010, 1991a). Apesar da atenção secundária dada ao acontecimento, não se pode dizer que P. Ricoeur tenha menosprezado sua importância.

No pensamento do filósofo, o conceito ganhou novo matiz, com as cores da hermenêutica narrativa. Busca-se, na primeira parte deste trabalho, sistematizar o que seria a teoria do acontecimento em P. Ricoeur, abordagem que ganhou numerosos adeptos, mas também recebeu diversas apreciações críticas (QUÉRÉ, 2005, 2006, 2011; BORISENKOVA, 2010). Por isso faremos, na segunda parte, uma réplica a esses julgamentos, de modo a reforçar o potencial da abordagem ricoeuriana do acontecimento, em especial nas discussões que vêm sendo feitas no campo da comunicação.

2. O ACONTECIMENTO E A MEDIAÇÃO NARRATIVA

A breve exposição que se segue obedecerá a uma ordem cronológica que reflete o próprio avanço do conceito de acontecimento em P. Ricoeur. Seria impossível fazer uma genealogia do conceito na vasta obra do filósofo no tempo e espaço que dispomos aqui. Desse modo, nos serviremos principalmente daqueles trabalhos mais recentes em que o acontecimento ou ocupa um lugar de suporte à argumentação principal ou é apresentado como o próprio tema central.

O primeiro deles é *Tempo e narrativa* (2010). Ricoeur desenvolve, logo no primeiro tomo dessa extensa obra, um conceito de acontecimento em função da tessitura da intriga. Na esteira da poética aristotélica, o autor deriva sua ideia de acontecimento da definição do *muthos* como o “agenciamento dos fatos em sistema” (RICOEUR, 2010, p. 59). Se a intriga é a operação mesma pela qual organizamos um conjunto disperso de fatos e ações na totalidade de uma equação, acontecimentos são nada mais do que as variáveis desse problema.

A base da hermenêutica narrativa de Ricoeur resulta, principalmente, de sua leitura “livre” da *Poética*. Esse alicerce se constitui especialmente a partir da interpretação e correlação dos conceitos de composição da intriga (*muthos*) e de atividade mimética (*mímesis*). Diz o autor:

Uma característica da *mímesis* seria visar o *muthos*, não seu caráter de fábula, mas seu caráter de coerência. Seu “fazer” seria logo de partida um “fazer” universalizante. Todo o problema do *Verstehen* narrativo está contido

aqui em germe. Compor a intriga já é fazer surgir o inteligível do acidental, o universal do singular, o necessário ou o verossímil do episódico (RICOEUR, 2010, p. 74).

Trata-se menos de tomar a intriga como “fábula” que como um “fazer universalizante”, equiparando o problema da compreensão narrativa ao da compreensão prática. Intriga, em Ricoeur, não é apenas *intrigue*, mas *mise en intrigue*. É operação, e não estrutura. Faz “mediação entre acontecimentos ou incidentes individuais e uma história tomada como um todo” (RICOEUR, 2010, p. 114). Sua dinâmica consiste numa “síntese do heterogêneo”, num movimento de integração de acontecimentos, personagens, circunstâncias etc.

A atividade mimética, enquanto representação criativa do mundo da ação, não se esgota na tessitura da intriga, denominada *mímesis II*. Se o *muthos* é o conceito operatório e definidor da *mímesis*, e se a atividade mimética visa sempre às ações, então é necessário considerar que há uma referência a um antes da tessitura da intriga. Por outro lado, Ricoeur lembra que o caráter dinâmico da *mímesis* não reside apenas no texto poético, mas também naquele que o interpreta. Há, também, um depois da composição da intriga.

É daqui em diante que Ricoeur faz avançar o modelo aristotélico em direção ao esquema da tripla mimese, e na direção oposta ao estruturalismo:

A questão é portanto o processo concreto pelo qual a configuração textual faz mediação entre a prefiguração do campo prático e sua refiguração pela recepção da obra. Corolariamente, aparecerá no final da análise que o leitor é o operador por excelência que, por seu fazer – a ação de ler –, assume a unidade do percurso de *mímesis I* a *mímesis II* através de *mímesis III* (RICOEUR, 2010, p. 95).

O acontecimento surge, então, para Ricoeur, sempre mediado pela narrativa, no sentido em que é prefigurado porque faz parte de nossa rede conceitual acerca do mundo das ações, do campo prático; é configurado numa intriga, sendo enredado a outros acontecimentos, agentes e circunstâncias; e é refigurado por aqueles que tiveram sua experiência atravessada e marcada pelo acontecimento. Assim, segundo o autor, não há um *em si* do acontecimento. A ontologia do acontecimento advém de seu pertencimento à intriga.

Ricoeur faz distinção entre uma ocorrência singular (*happening*) e um acontecimento. Como explica Borisenkova (2010, p. 91, tradução nossa), “é a narrativa que confere uma clara distinção entre acontecimentos e meros *happenings*, acontecimentos sociais e acontecimentos naturais”. A compreensão narrativa, para o filósofo, é condição de inteligibilidade do acontecimento. A esse respeito, Ricoeur explica:

Um acontecimento tem de ser mais que uma ocorrência singular. Recebe sua definição de sua contribuição para o desenvolvimento da intriga. Uma história, por outro lado, tem de ser mais que uma enumeração de acontecimentos numa ordem serial, tem de organizá-los numa totalidade inteligível, de modo tal que se possa sempre perguntar qual é o “tema” da história. Em suma, a composição da intriga é a operação que tira de uma simples sucessão uma configuração (RICOEUR, 2010, p. 114).

Mais do que parte constituinte de uma intriga, o acontecimento é constituído nela. A narrativa substitui a dimensão episódica dos acontecimentos e a amarra ao fio da história. Daí surge outro conceito fulcral para a definição ricoeuriana do acontecimento: o sentido, par oposto da contingencialidade relativa aos *happenings*.

3. ACONTECIMENTO E SENTIDO

Já estava contido em *Tempo e narrativa* (2010) o gérmen das questões relativas aos efeitos de contingência e de necessidade do acontecimento, bem como o fundamento das críticas de Ricoeur a D. Davidson e a D. Parfit acerca da neutralidade impessoal do acontecimento, desenvolvidas em *O si-mesmo como um outro* (1991a). Contudo, é nessa obra que o acontecimento assume um papel de peso na linha argumentativa sobre a hermenêutica do si.

Não nos demoraremos na crítica de Ricoeur a uma ontologia do acontecimento primitivo, já tão detalhadamente explicada pelo autor e resumida por Borisenkova (2010). Resta-nos dizer que o filósofo contesta um estatuto do acontecimento que lhe confira a neutralidade de um fenômeno em estado bruto, portador apenas de um efeito de ruptura na ordem das coisas ou no cotidiano. Narrado, o acontecimento é explicado, é confrontado a outros acontecimentos e a agentes e pacientes. Perde, portanto, qualquer impessoalidade.

Inserir o acontecimento na intriga não lhe tira o efeito de cesura. É aí que reside certa dualidade nessa definição do acontecimento, enquanto componente do esquema ricoeuriano da concordância discordante. Por um lado, o acontecimento é fonte de discordância quando irrompe, quando surge na experiência. Por outro, é fonte de concordância, pois é ele quem faz a história contada avançar em direção a um desfecho. O acontecimento é o que recorta e, ao mesmo tempo, o que remenda.

Trata-se, segundo Ricoeur, de uma inversão do efeito de contingência do acontecimento ao efeito de necessidade:

O paradoxo da intriga é que ela inverte o efeito de contingência, no sentido daquilo que poderia acontecer de outro modo ou absolutamente não acontecer, incorporando-o de algum modo ao efeito de necessidade ou de probabilidade, exercido pelo ato configurante. A inversão do efeito de contingência em

efeito de necessidade produz-se no próprio centro do acontecimento: como simples ocorrência, este último limita-se a frustrar as expectativas criadas pelo curso anterior dos acontecimentos; ele é simplesmente o inesperado, o surpreendente, não se tornando parte integrante da história que compreendeu demasiadamente tarde, uma vez transfigurado pela necessidade de algum modo retrógrada que procede da totalidade temporal levada a seu termo. Ora, essa necessidade é uma necessidade narrativa cujo efeito de sentido procede do ato configurado como tal; é essa necessidade narrativa que transmuda a contingência física, adversa da necessidade psíquica, em contingência narrativa, implicada na necessidade narrativa (RICOEUR, 1991a, p. 170).

A inversão do efeito de contingência é parte do acontecimento, no sentido em que ele pede para ser compreendido, o que, por sua vez, requer que ele deixe provisoriamente o estatuto de fenômeno abrupto para entrar numa cadeia narrativa de causas e consequências, de agentes e pacientes, de contingência e necessidade. Esse processo, ressalta Ricoeur, advém de uma necessidade psíquica de compreensão do mundo prático dos acontecimentos por intermédio da compreensão narrativa.

Como se sabe, a intriga também comporta discordâncias. Não se pode, portanto, tomar a inversão do efeito de contingência como uma rendição do acontecimento à ordem do sentido. O *coup de théâtre*, bem sabemos, é parte integrante e definidora da intriga. Diz-se que o enredamento do acontecimento à intriga funciona mais à maneira de um salvamento que de uma determinação. Ou, nas palavras de Ricoeur (1991a, p. 170), "a intriga 'resgata' a origem da 'queda' na insignificância".

O cotejamento teórico do acontecimento com a produção de sentido é explorado em outro trabalho de Ricoeur, publicado na revista *Raisons Pratiques*, em 1991, intitulado *Événement et sens*. Ainda observando o acontecimento sob o prisma da compreensão narrativa, o filósofo tira outras consequências da *mise en intrigue* dos acontecimentos no que diz respeito à produção de sentido.

O retorno do acontecimento? É aqui que o recurso à inteligência narrativa é decisivo. Esta exerce, com efeito, a dupla função de integração do acontecimento – ao limite da anulação – e da exaltação do acontecimento, até um ponto extremo onde é o acontecimento que engendra o sentido, ou seja, o acontecimento como acontecimento fundador (RICOEUR, 1991b, p. 49, tradução nossa).

Ricoeur alerta para o fato de que a integração do acontecimento pode ocorrer de tal modo a anulá-lo no interior da intriga, o que não significa dizer que ele seja superado pelo sentido, mas ofuscado no curso da própria história. Por outro lado, o acontecimento pode ser cele-

brado a ponto de “engendrar o sentido”, de se tornar acontecimento fundador, precursor de um novo sentido ou forma no quadro de conceitos que invocamos em *mímesis I*. Ricoeur dá o exemplo da Bastilha para a Revolução Francesa, de Auschwitz para o holocausto etc.

O acontecimento, portanto, não nasce fundador. É no percurso da tessitura de uma intriga que lhe é conferido o estatuto de ocorrência desprezível ou de acontecimento notável. “Sua narração se torna constitutiva da identidade, que podemos chamar narrativa, de suas comunidades, de seus indivíduos. O acontecimento é assim qualificado retrospectivamente, ou melhor, retroativamente como fundador” (RICOEUR, 1991b, p. 52, tradução nossa). Diante do esquema da tripla mimese, é preciso acrescentar que o acontecimento é qualificado não apenas pela configuração, mas também pela refiguração.

A narrativa, portanto, exerce tanto a função de integração quanto de constituição do acontecimento, no sentido em que é pela compreensão narrativa, através da dinâmica da tripla mimese, que ele ganha uma vida significativa para além do seu aspecto fenomênico. Diz Ricoeur:

É necessário ir ainda mais longe: a narrativa não se limita a integrar acontecimentos, mas qualifica como acontecimento aquilo que inicialmente não era mais do que simples ocorrência, ou, como dissemos, simples peripécia. A narrativa é reveladora de acontecimentos (RICOEUR, 1991b, p. 50, tradução nossa).

Eis a explicação daquilo que Ricoeur chama de “retorno do acontecimento”. Se o acontecimento não está dado *a priori*, não basta que ele aconteça, no sentido mais urgente da palavra. Ele precisa ser revelado, promovido e identificado, o que, para o filósofo, só é possível a partir de sua tessitura numa intriga. Pela mediação narrativa, o acontecimento retorna a si próprio, tornando-se inteligível, e ocupando seu lugar no círculo virtuoso – e não tautológico – da tripla mimese.

4. AS PERSPECTIVAS HERMENÊUTICAS E PRAGMATISTAS DO ACONTECIMENTO

É bastante justo que a definição de acontecimento proposta por P. Ricoeur receba críticas e tenha algumas de suas lacunas apontadas pelos teóricos de diversas áreas. Primeiro, porque, como já dito, esse é um tema secundário na vasta obra do filósofo. Segundo, porque o conceito vem sempre condicionado pelo cerne de outras argumentações, a exemplo de *Tempo e narrativa* (2010), em que o acontecimento em debate é nomeadamente o “acontecimento histórico”.

A nosso ver, uma das principais críticas recentes feitas a Ricoeur no âmbito da discussão sobre acontecimento veio à tona num trabalho intitulado *Entre o facto e o sentido* (2005), do sociólogo francês L. Quéré. O autor reconhece os avanços proporcionados pela hermenêutica narrativa à teoria do acontecimento, das quais ele mesmo teve influência, mas aponta para o que seria uma limitação das teses narrativistas face ao poder hermenêutico do acontecimento. Diz o autor:

Nas últimas décadas, a difusão das teses narrativistas em filosofia e em epistemologia da história, assim como o esboço de uma hermenêutica da narrativa por Paul Ricoeur, permitiram ultrapassar numerosos pressupostos da apreensão habitual dos acontecimentos, em particular ligar a individualidade de um acontecimento à intriga da qual ele faz parte e para a qual contribui. Mas a contribuição da narrativa não é suficiente para pôr em destaque o poder hermenêutico do acontecimento, na medida em que este intervém na experiência segundo modalidades que não implicam, necessariamente, a mediação da narração. Em que consiste, exactamente, esse poder hermenêutico? (QUÉRÉ, 2005, p. 60).

Para o sociólogo, a hermenêutica narrativa oferece uma modalidade de apreensão do acontecimento estritamente discursiva e, por isso, limitada. “O sentido de acontecimento em Ricoeur permanece ligado à tripla mimese, e fica restrito ao universo do discurso” (QUÉRÉ *apud* LAGE; BARCELOS, 2011, p. 179). O enredamento do acontecimento na intriga é visto como uma restrição, uma vez que o acontecimento teria seu caráter fenomenológico reduzido à dimensão linguageira. Com isso, seu poder de esclarecimento sobre si e sobre as circunstâncias nas quais eclodiu ficaria sobredeterminado.

Antes de oferecermos uma resposta à crítica, é preciso reconhecer uma distinção que compõe o pano de fundo dessa discussão. Se Ricoeur faz referência aos acontecimentos históricos, Quéré se preocupa essencialmente com os acontecimentos contemporâneos, especialmente os que eclodem e são testemunhados pelos *media*. Contudo, essa diferença explica apenas em parte os rumos teóricos que cada autor segue em direção à definição do acontecimento.

Como réplica, fazemos duas questões sobre o tema em discussão: Qual seria a modalidade de inteligibilidade alternativa à compreensão narrativa para explorar o poder hermenêutico do acontecimento? A intriga opera mesmo um aprisionamento do acontecimento ao universo discursivo?

Para oferecer outra leitura sobre a observação e interpretação do acontecimento, L. Quéré encontra refúgio na filosofia pragmatista. Contudo, no cerne da discussão sobre o “caráter crítico do acontecimento” e sobre as situações que o envolvem, o sociólogo é levado ao

mesmo desfecho sugerido pela hermenêutica narrativa: “Encontra-se um fenômeno de integração equivalente na ‘construção da intriga’. Esta pode assumir formas diferentes e não passa necessariamente por uma construção da narrativa. De uma certa maneira, toda a situação tem uma estrutura de intriga” (QUÉRÉ, 2005, p. 71).

Quéré tem razão quando equipara as situações às intrigas, bem como quando afirma que a intriga pode não assumir a forma e estrutura de uma narrativa, uma vez que é apenas um dos momentos da tripla mimese. Contudo, é preciso esclarecer que o conceito de narrativa, para Ricoeur, vai muito além das estruturas discursivas, da configuração. Essa, aliás, é a principal distinção de sua teoria narrativa em relação às teorias estruturalistas. Diz Ricoeur:

Tomo, aqui, a narrativização como forma matricial de inteligibilidade, tal como a fazem funcionar tanto a narrativa tomada na ação quanto a narrativa sobre a ação. À diferença da racionalidade instrumental ou estratégica, ou mesmo da racionalidade ética (ao menos reduzida ao silogismo prático), é a inteligência narrativa que salva o acontecimento no movimento mesmo onde ela o pensa. O acontecimento é, por sua vez, incluído, isto é, englobado, e reconhecido como irredutível ao sentido (RICOEUR, 1991b, p. 50, tradução nossa).

Partilhamos, nesse sentido, da mesma contra-argumentação oferecida por J. Arquembourg a Quéré:

A narrativa é entendida, aqui, simultaneamente, no sentido da hermenêutica e no sentido do pragmatismo de John Dewey, como uma operação de julgamento. A narrativa constitui a mediação por excelência, graças à qual os sujeitos podem aceder à compreensão deles mesmos, dos acontecimentos que os atingem e do caráter problemático das situações com as quais se confrontam (ARQUEMBOURG, 2005, p. 111).

Nesse sentido, esse mesmo “fenômeno de integração” de que trata Quéré seria, para Ricoeur, o próprio funcionamento da compreensão narrativa em direção ao acontecimento e suas articulações com os indivíduos e circunstâncias. Ao que parece, a perspectiva hermenêutica, bem mais recente, vai ao encontro da abordagem pragmatista, só que nos próprios termos. Nesse sentido, a dependência do acontecimento em relação à intriga não é um aprisionamento do mesmo ao universo discursivo, mas uma libertação para as infinitas possibilidades de sentido. É a inscrição do acontecimento no interior de uma intriga que revela seus limites e transbordamentos.

Enquanto ocorrência física, ruptura na experiência, o acontecimento não tem valor nem identidade. Trata-se, segundo Ricoeur, de um acontecimento “infra-significativo” (RI-

COEUR, 1991b, p. 52, tradução nossa), um acontecimento exterior ao discurso. Seu poder de cesura não é suficiente para garantir sua significação, embora permaneça como parte dela no interior da narrativa. Do ponto de vista dessa hermenêutica, mais interessa o acontecimento segundo a *práxis* do que a ocorrência ligada ao *páthos*.

Ricoeur de modo algum sugere um acontecimento estritamente linguageiro. Afinal, “a linguagem não constitui um mundo em si mesma. Nem mesmo é um mundo” (RICOEUR, 2010, p. 133). O filósofo procura, então, ressaltar o caráter narrativo dos acontecimentos dos quais nos damos conta. Aqueles que passam e não ficam, não ganham vida, são ocorrências físicas sem sentido. É preciso compreender que o acontecimento, para Ricoeur, é essencialmente humano e, portanto, não resiste ao sentido. “Nessa evenemencialidade selvagem, a força de resistência se junta ao sentido” (RICOEUR, 1991b, p. 52, tradução nossa).

Outro aspecto da crítica de Quéré direcionada a Ricoeur acaba por reforçar a perspectiva de que o conceito de acontecimento pode ser melhor desenvolvido conciliando as abordagens hermenêutica e pragmatista. Vejamos como, em outro momento, o sociólogo aborda as diferenças entre ambas as abordagens:

Pelo viés pragmatista, entendemos que os acontecimentos são coisas concretas, coisas reais, antes de serem colocadas no discurso. São coisas que ocorrem, que se passam. Tal abordagem é mais sensível a essa dimensão que chamo real ou existencial, como coisas que existem. Recentemente, venho explorando a concepção pragmatista à maneira de Mead, de Dewey e de Peirce. É uma coisa que não tinha trabalhado a fundo, mas que é bastante interessante e vai além do esquema de Ricoeur, de sua tripla mimese. Defrontamo-nos com acontecimentos reais, concretos, que têm certas qualidades, que são coisas que acontecem, como tremores de terras, a catástrofe nuclear do Japão, todos esses tipos de acontecimentos. Eles não são acontecimentos de discurso, do domínio do discurso. Então, a abordagem pragmatista desenvolve a dupla ideia de que as coisas são sentidas antes de serem colocadas em discurso. É o que Peirce chamava de “força de percussão”, de coisas que se impõem, que persistem. Essa seria a primeira fase, correspondente ao que chamo de acontecimentos existenciais, no sentido de que são coisas que existem. Nós as transformamos, posteriormente, em objetos de pensamento (QUÉRÉ *apud* LAGE; SALGADO, 2011, p. 179).

A ideia de que os acontecimentos são “coisas que existem”, somente *a posteriori* transformados em objetos do pensamento, não esclarece de forma cabal, entendemos, em que medida narrar os acontecimentos buscando compreendê-los estaria em outra ordem de manifestação. A perspectiva hermenêutica de Ricoeur, em momento algum, está sugerin-

do que os acontecimentos, sob o viés narrativista, somente adquiririam sua condição de “coisas que existem” após submetidos aos entendimentos propiciados pela armação da intriga. No máximo poderia ser sugerido algo próximo a isso nas narrativas ficcionais, com seus acontecimentos “inventados pelo pensamento”. Ainda assim, mesmo estas narrativas estão na ordem de certas expectativas éticas, morais e culturais correspondentes ao mundo prefigurado – *mímesis I* – que tornariam possível entender tanto a ficção quanto os próprios dilemas éticos, morais e humanos vivenciados cotidianamente.

Dessa forma, a ação não está ausente das premissas ricoeurianas implicadas nos acontecimentos. Ademais, não nos parece possível concluir delas uma contraposição do tipo “acontecimentos como coisas que existem” *versus* “acontecimentos originários do pensamento”. Neste ponto, é ainda importante lembrar que o pensamento é também uma das formas de ação, e não somente um momento que a antecede, como uma espécie de salvaguarda para a racionalidade ou o acerto da ação que o sucederia. As coisas serem sentidas antes de colocadas em discurso já implica, como a tríade semiótica peirciana, além da ação do acontecimento de se nos impor, que é precisamente essa “força de percussão” um dos pontos de partida para a compreensão do acontecimento, mas, certamente para que, narrando-o, seja possível, mais do que desvendá-lo, não se submeter passivamente a todas as suas consequências.

O narrar, então, faz-se ação na dupla afecção implicada nos acontecimentos: o modo como ele nos afeta, individual ou coletivamente, e os modos como eles são afetados a partir das nossas necessidades de compreendê-lo, da qual derivarão interpretações outras que poderão nos livrar de certo peso contingencial ou mesmo estrutural a princípio sugerindo passividade diante do ocorrido.

5. SOBRE O POTENCIAL ANALÍTICO DO ACONTECIMENTO EM RICOEUR

Outro importante trabalho relativo ao acontecimento e ao seu potencial como conceito operador para análises sociais foi apresentado recentemente por Borisenkova (2010). A autora discute a capacidade de se compreender o social através da constituição narrativa dos acontecimentos, na esteira da hermenêutica ricoeuriana. Borisenkova oferece uma resposta às perspectivas sociológicas que refutam as teses narrativistas para a observação social:

Narração não é um procedimento alternativo à observação; observação requer narração. De acordo com Ricoeur, não pode ser acontecimento aquilo que ainda não é narrado, ou melhor, o que não tem ainda a possibilidade de ser narrado. Um acontecimento social é narrado a priori (BORISENKOVA, 2010, p. 92, tradução nossa).

Para a autora, a trilha aberta por Ricoeur no âmbito das teorias do acontecimento constitui um caminho profícuo para qualquer análise do social. Acontecimentos sociais não podem apenas ser analisados como partes de um encadeamento sequencial, sujeitos às leis de causalidade. É inevitável que os observemos, teórica e metodologicamente, sob o espectro da compreensão narrativa.

Em complemento à própria discussão, Borisenkova propõe duas críticas à abordagem de Ricoeur. A primeira se refere às limitações da própria ideia do *muthos* aristotélico, pouco adequada às formas narrativas que entraram em cena na contemporaneidade. A segunda, que guarda semelhanças com a crítica de Quéré (2005, 2006, 2011), volta a problematizar a relação acontecimento-intriga:

A principal questão, já proposta por Johann Michel, é a de que o modelo aristotélico do *muthos* não cobre todos os tipos possíveis de narrativas. Embora o modelo aristotélico do *muthos* possa ser uma ferramenta ideal para a análise de uma tragédia grega ou uma passagem da Bíblia [...], ele não é adequado para muitas formas narrativas modernas (BORISENKOVA, 2010, p. 95-96, tradução nossa).

Outra importante limitação na tomada da narrativa por Ricoeur está ligada à ideia de "necessidade narrativa". De acordo com Ricoeur, o significado de um acontecimento depende de uma intriga. Ele adquire "significabilidade", um tipo de pertencimento à pessoa que o descreveu, através da intriga. Mas, ao mesmo tempo, o acontecimento perde sua independência. A abordagem de Ricoeur pode ser muito frutífera na investigação de uma corrente de acontecimentos e da causalidade acontecimento-acontecimento, mas não oferece um foco na unicidade de um evento social (BORISENKOVA, 2010, p. 96, tradução nossa).

A autora certamente tem razão ao afirmar a inadequação do modelo aristotélico, no qual Ricoeur se inspira, à análise das narrativas contemporâneas que constituem nossos objetos empíricos – especialmente as narrativas midiáticas. Contudo, o *muthos* aristotélico não se adequará às narrativas contemporâneas se compreendido como "modo" de narrar, como "fábula". Entendido enquanto operação de *mise en intrigue*, como sugere Ricoeur, suas possibilidades de aplicação se ampliam:

Aqui, o gênero é a imitação ou a representação da ação, da qual a narrativa e o drama são espécies coordenadas. [...] A equivalência entre *mimesis* e *muthos* é uma equivalência pelo "o quê" (RICOEUR, 2010, p. 64).

Em primeiro lugar, não caracterizaremos a narrativa pelo "modo", isto é, a atitude do autor, mas pelo "objeto", porque chamamos de narrativa exatamente aquilo que Aristóteles chama de *muthos*, isto é, o agenciamento dos fatos (RICOEUR, 2010, p. 65).

Vistos à luz de sua operacionalidade, os conceitos de intriga e da tripla mimese, definidores da narrativa para Ricoeur, ganham intensidade necessária para constituírem um esquema amplo de inteligibilidade e de compreensão do mundo prático. Esse esquema é suficientemente extenso para ser aplicado inclusive a outro campo de conhecimento, como Ricoeur o fez em *Arquitetura e Narrativa* (1998):

Como ponto de partida, gostaria de criar uma analogia, ou melhor, o que parece ser, num primeiro momento, uma analogia: um paralelismo estreito entre a arquitetura e a narrativa, em que a arquitetura seria para o espaço aquilo que a narrativa é para o tempo, ou seja, uma operação “configurante” (RICOEUR, 1998, p. 2, tradução nossa).

Segundo Ricoeur, podemos olhar até mesmo para a arquitetura através das lentes da tripla mimese – tomando o ato arquitetural em analogia à prefiguração, a construção como o gesto configurante e o habitar como momento de refiguração do espaço. O círculo hermenêutico, portanto, propõe-se um modelo abrangente que se define pela dinâmica com que apreende diferentes processos da *práxis* humana.

A respeito da segunda crítica, Borisenkova (2010) tem razão ao afirmar que o esquema ricoeuriano favorece a análise de uma corrente de eventos e da causalidade narrativa. Contudo, a crítica perde força quando aponta como limitação a dificuldade que a abordagem hermenêutica tem para focar a “unicidade do acontecimento social”. Em que consiste, precisamente, essa unicidade do acontecimento social?

Recorremos, em nossa réplica, àquela ideia de que o acontecimento é qualificado retroativamente pela tessitura da intriga. A definição do acontecimento deriva da progressão da intriga, de sua conjunção e conjugação a outros acontecimentos. É dessa combinação – dependente dos processos de prefiguração, configuração e refiguração – que surgem a unicidade ou a universalidade dos acontecimentos.

Como diz Ricoeur, “as intrigas são em si mesmas a um só tempo singulares e não singulares. Falam de acontecimentos que só acontecem nessa intriga; mas existem tipos de composição da intriga que universalizam o acontecimento” (RICOEUR, 2010, p. 341). Uma vez condicionada a inteligibilidade do acontecimento ao seu enredamento numa intriga, sua singularidade não se encerra no fenômeno em si. Ela é paradoxalmente dependente dessa intriga, onde, se não é pareado a outros acontecimentos, o acontecimento é confrontado a si próprio.

6. ACONTECIMENTO E MÍDIA

O primeiro objetivo deste trabalho foi sistematizar a definição de acontecimento em algumas das obras mais recentes de P. Ricoeur e propor respostas a duas críticas feitas à perspectiva da hermenêutica narrativa ricoeuriana, buscando evidenciar alguns elementos que permitem conciliar a perspectiva do filósofo francês com o viés pragmatista. Mais do que recusar outras apreciações da abordagem do filósofo, nosso movimento buscou investir no potencial teórico-metodológico dessas definições de acontecimento e narrativa.

A nosso ver, duas conclusões são possíveis para nossa argumentação. Primeiro, constata-se que, na teoria do acontecimento em Ricoeur, a vinculação forte do acontecimento em relação à *mise en intrigue* constitui menos uma restrição do fenômeno ao discursivo do que uma abertura do acontecimento à ordem do sentido. Segundo, conclui-se que o modelo hermenêutico de Ricoeur se apresenta como forma de compreensão da experiência prática através das mediações narrativas, e não apenas um modelo de análise das estruturas narrativas. Nessa dimensão prática, a teoria da ação, tão cara aos pragmatistas, não se vê excluída, antes está incorporada não somente pelo entendimento ricoeuriano da *mimesis* como imitação criativa da ação e não mera configuração imitativa, como também pelo entendimento de que é pela ação que o acontecimento está implicado na dupla afecção: do agir sobre e sofrer a ação de desvendamento.

O segundo objetivo nos dirige mais às hipóteses de aplicação do conceito de acontecimento aos modos como ele pode estar articulado às mídias (QUÉRÉ *apud* LAGE; SALGADO, 2011, p. 179) do que a uma análise particular de um acontecimento apanhado narrativamente pelo jornalismo ou pelo cinema, por exemplo. O pressuposto inicial é de que as potencialidades heurísticas do acontecimento se desenvolvem em pelo menos três dimensões quando das interconexões com as mídias: 1) eles se inscrevem mais fortemente nas disputas de sentido sobre seus significados, pela ampliação da enquete em torno deles, com aumento de sujeitos implicados nas interpretações; 2) permitem compreender as negociações que as mídias empreendem com diversos atores sociais nos processos de atribuição de sentidos dos acontecimentos por elas narrados; e 3) nos indicam modos distintos de experiência de determinados acontecimentos, à medida que somente podemos tomar conhecimento da maioria deles através das mídias.

As contribuições de L. Quéré são substantivas para pensarmos as relações entre mídia e acontecimento. Tal como o autor propõe, não é possível pretender que certas reações individuais ou coletivas aos acontecimentos sejam meras reações aos conteúdos das mídias. Manifestações em massa, como as recentemente vistas sob a denominação de “primavera árabe”, ou protestos contra governantes não ocorrem meramente como resposta à cobertura midiática desses acontecimentos, podendo mesmo ser a própria mídia “arrastada”

para coberturas de eventos que se iniciam sem sua participação direta. Nesse sentido, segundo Quéré,

A contribuição exata da mídia para a elaboração dos problemas sociais é uma questão complexa. De acordo com a corrente pragmatista, uma elaboração progressiva do acontecimento se produz através de um trabalho de enquete, distribuído através de vários operadores. Participam desse trabalho de investigação e de constituição os jornalistas, os *medias*, e também a política, a justiça, os sindicatos, os partidos políticos, as associações... Várias instâncias participam e contribuem para dar aos acontecimentos essa dimensão (QUÉRÉ *apud* LAGE; SALGADO, 2011, p. 180).

Se o enfoque proposto por Quéré está identificado mais imediatamente com o jornalismo, certamente a área dos estudos comunicacionais que mais tem privilegiado o acontecimento em suas abordagens, há outros produtos das mídias implicados com o acontecimento. Por exemplo, se o cinema documentário é mais facilmente associado aos desvendamentos e à narrativização dos acontecimentos, o cinema ficcional não se vê às voltas somente com acontecimentos criados unicamente a favor das narrativas. Exemplares são os diversos filmes de ficção, inspirados ou não em fatos reais, que buscam novas abordagens de acontecimentos de guerra em suas narrativas. Em que pesem certos acentos às vezes demasiadamente maniqueístas, as análises de Douglas Kellner (2001) sobre filmes hollywoodianos que tentaram "revisar" a história de algumas guerras a favor dos Estados Unidos são paradigmáticos dos modos como também o cinema de ficção se ocupa dos acontecimentos. Emissoras de televisão como *National Geographic* ou *History Channel* têm como pontos fortes de suas programações releituras e/ou construções narrativas de acontecimentos imemoriais das espécies humanas e animais.

O que é preciso reconhecer é o indispensável papel da mediação narrativa para a configuração – e não constituição, no aspecto existencial – dos acontecimentos, o que, por sua vez, implica a articulação de diferentes agentes sociais que entram como personagens da estória do acontecimento, mas também o conhecimento que temos do mundo da ação, o modo como tal acontecimento é configurado pelas diversas narrativas midiáticas e, principalmente, a maneira com que é refigurado, isto é, como é interpretado. Eis, a nosso ver, a associação possível e necessária das visadas hermenêutica e pragmatista. Cabe às ciências sociais e sociais aplicadas tirar proveito dessas entradas teóricas e investigar, a partir de tais narrativas, a inserção dos acontecimentos em intrigas, no sentido mais urgente do termo, e em campos problemáticos, bem como os modos pelos quais eles ressignificam nossa experiência do presente e do passado e abrem expectativas quanto ao futuro.

REFERÊNCIAS

ARQUEMBOURG, J. Entre facto e sentido: contar o acontecimento. **Trajectos**, n. 6, p. 109-112. 2005.

BORISENKOVA, A. Narrative Refiguration of Social Events. **Ricoeur Studies**, v. 1, n. 1, p. 87-98. 2010.

LAGE, L.; BARCELOS, T. Por uma abordagem pragmatista do acontecimento. Entrevista com Louis Quéré. **Eco-Pós**, v. 14, n. 2, p. 176-183. 2011.

QUÉRÉ, L. Entre o facto e o sentido: a dualidade do acontecimento. **Trajectos**, n. 6, p. 59-75. 2005.

_____. Entre fait et sens, la dualité de l'événement. **Reseaux**, n. 139, p. 183-218. 2006.

_____. Les formes de l'événement. Pour un réalisme pragmatiste. In: Colóquio em Imagem e Sociabilidade, 2, 2011, Belo Horizonte, Brasil. **Conferência** proferida em Belo Horizonte, UFMG, 2011, p. 1-24. (mimeo)

RICOEUR, P. **O si-mesmo como um outro**. Campinas: Papyrus, 1991a.

_____. Evénement et sens. **Raisons Pratiques**, n. 2, p. 41-56. 1991b.

_____. Le retour de l'événement. **Mélanges de l'École française de Rome. Italie et Méditerranée**, v. 104, n. 1., p. 29-35. 1992.

_____. Architecture et narrativité. **Urbanisme 303**, nov.-dez., p. 44-51. 1998.

_____. **Tempo e narrativa**: a intriga e a narrativa histórica. Tomo I. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

Artigo recebido: 12 de março de 2012

Artigo aceito: 06 de abril de 2012